



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO**

**HELLEN QUEIROZ CARVALHO
PEDRO MAIRTON DOS SANTOS SILVA**

**DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL – CANGAYCEIROS: OCUPANDO ESPAÇOS
EM CAMPO**

**FORTALEZA
2025**

HELLEN QUEIROZ CARVALHO
PEDRO MAIRTON DOS SANTOS SILVA

DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL – CANGAYCEIROS: OCUPANDO ESPAÇOS EM
CAMPO

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto
de Cultura e Arte da Universidade Federal do
Ceará como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Dra. Kamila Bossato
Fernandes

FORTALEZA
2025

HELLEN QUEIROZ CARVALHO
PEDRO MAIRTON DOS SANTOS SILVA

CANGAYCEIROS: OCUPANDO ESPAÇOS EM CAMPO

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto
de Cultura e Arte da Universidade Federal do
Ceará como requisito parcial para obtenção do
Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profª. Dra. Kamila Bossato
Fernandes

Aprovada em ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Robson da Silva Braga
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Pedro Paula de Oliveira Vasconcelos
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

FORTALEZA

2025

AGRADECIMENTOS

De Hellen Queiroz Carvalho

Apesar de a escrita ser uma grande parte do Jornalismo, é sempre difícil começar um texto que sabemos ter tanta importância. Foram cinco anos nesta Universidade que se tornou também uma casa e me deu a oportunidade de me apaixonar pelo poder da comunicação. Apesar de uma grande pandemia, alguns meses de greve e os percalços naturais do caminho, chego nesta etapa com orgulho da minha trajetória e com a certeza de que escolhi o curso certo para mim.

Agradeço primeiramente aos meus pais que durante todos os anos de estudo me sustentaram de diversas formas e possibilitaram que eu estivesse aqui. Ao meu irmão mais velho, o grande responsável por me fazer gostar de futebol, agradeço por sempre estar ao meu lado e me ouvir e aconselhar quando necessário. E ao restante da minha família, agradeço pelo apoio e por fazerem eu me sentir tão amada.

Ao meu amor, Renan Delfino, que acompanhou todos os meus surtos de felicidade e ansiedade durante a execução deste projeto, agradeço pelo imenso apoio e por me fazer ser melhor a cada dia. Obrigada por me ouvir, acolher e puxar minha orelha quando necessário.

Ao Pedro Mairton, meu parceiro neste lindo projeto, obrigada pela amizade construída desde antes desta ideia nascer e pelo quanto ela se desenvolveu ao longo deste processo. Este documentário jamais seria o mesmo sem a sua dedicação e talento, muito obrigada por me permitir construí-lo contigo.

Ao grupinho que me acompanhou ao longo da faculdade, é indispensável dizer o quanto sou grata a vocês. Beatriz, Caio, Esaú, Felipe, Giovana, Heitor, Ian e Vitória, a graduação se tornou imensamente mais leve e feliz tendo vocês comigo. Foram longos meses de EAD que se tornaram possíveis graças ao apoio de vocês e que mais tarde pudemos aproveitar presencialmente com muitas conversas, fofocas e saídas. A cada semestre vocês me transformaram em uma pessoa e jornalista melhor, e eu jamais terei palavras suficientes para agradecer por isso.

Às minhas amigas de anos Yasmin Brasil, Ana Júlia e Lara Muniz, obrigada por me ouvirem e acolherem quando tudo estava um caos, por me fazerem imensamente bem e por manterem o companheirismo de sempre por tantos anos, vocês são pra vida. E aos meus primos Liandra e Fábio, os quais tenho como irmãos, obrigada por plantarem na cabeça de uma jovem indecisa e cheia de sonhos a sementinha do Jornalismo, eu realmente não estaria aqui sem vocês e tudo o que já vivemos juntos.

Aos outros amigos do curso de Jornalismo ou de fora dele, meu agradecimento eterno. Este texto ficaria gigantesco se eu fosse citar cada amigo que fiz ao longo desses anos e que foram essenciais na minha trajetória, mas cada um está muito bem guardado em meu coração.

Aos colegas de trabalho que tive ao longo dos meus dois anos de estágio na Novabrasil/OPOVO, obrigada por me fazerem viver o jornalismo e me ensinar a cada dia. Em especial, agradeço aos meus chefes e orientadores nestes anos – Wagner Mendes, Marcos Sampaio e Renato Abê –, vocês foram essenciais para a formação de quem sou hoje e me proporcionaram lindas oportunidades profissionais, incluindo a certeza de que a cultura é realmente a área na qual pretendo trabalhar por muitos e muitos anos.

Agradeço também à nossa orientadora Kamila Bossato, responsável por me fazer amar ainda mais o audiovisual e por me ensinar tanto dentro e fora de sala de aula. Obrigada por aceitar entrar neste projeto com a gente, por nos apoiar e tornar esta caminhada mais leve. Sabia desde as suas primeiras aulas que te queria como orientadora independente do que eu fosse fazer e fico imensamente feliz que deu certo.

Aos professores presentes na banca deste projeto, saibam que acredito que nada é por acaso, então nada mais significativo do que ter vocês dois aqui. Ao Robson, agradeço imensamente pela cadeira de Entrevista, pois estávamos em meio à pandemia quando ela foi ministrada e, sem nenhum exagero, as vivências que tive com ela foram imensamente responsáveis por me fazer seguir no jornalismo em um momento de tanto caos e incerteza. E ao Pedro, grande responsável pela disciplina de Jornalismo Esportivo e por outras que tanto aproveitei, obrigada pelos maravilhosos ensinamentos e por todos os momentos compartilhados, espero continuar esbarrando contigo em locais aleatórios por aí.

Não poderia acabar este texto sem agradecer também à equipe do Cangayceiros, pois todos foram extremamente solícitos com a execução do nosso projeto e tornaram cada momento de trabalho ainda mais prazeroso e divertido. Estar com vocês foi uma grande prova da beleza que é trabalhar com o que se ama e acredita.

Por fim, agradeço à minha gatinha Magali, que esteve comigo durante 10 anos e faleceu alguns meses antes de eu me formar, mas sempre estará no meu coração. E ao meu gatinho Caju, que chegou em minha vida algumas semanas antes da finalização deste TCC, mas que rapidamente me conquistou e está deitadinho ao meu lado fazendo companhia enquanto escrevo estes agradecimentos.

De Pedro Mairton dos Santos Silva

Agradeço a Deus pelo dom da vida. Aos meus pais, responsáveis diretos na construção da minha pessoa, e aos meus familiares pelo apoio e companheirismo.

Agradeço aos meus amigos, em especial a Ananda Darynne, minha melhor amiga, por ter dividido comigo não só o ambiente universitário, mas também a vida fora dele, onde ela sempre me ajuda a enxergar cores quando tudo está em preto e branco. Também cito nesse espaço a Hellen Queiroz pela amizade e por aceitar o desafio de encarar um TCC ao meu lado, assim como a professora Kamila Bossato por nos orientar e os demais docentes da universidade que foram essenciais para a minha formação.

E, por fim, agradeço o Sport Club Corinthians Paulista, instituição que me fez amar o futebol. Não estaria cursando Jornalismo e muito menos produziria um documentário esportivo se não fosse esse clube.

RESUMO

Este relatório aborda os meios teóricos e técnicos utilizados para a realização do documentário audiovisual “Cangayceiros: ocupando espaços em campo”, no qual abordamos a história do Cangayceiros Futebol Clube, um time de futebol 7 semiprofissional de Fortaleza formado por pessoas LGBTQIA+ e que em 2023 disputou pela primeira vez o Campeonato Cearense da modalidade pela terceira divisão do campeonato. O produto explora principalmente a origem do time, destacando a luta por espaço em um ambiente excludente para pessoas LGBTQIA+, e expõe relatos dos integrantes da equipe, além dos treinos, jogos e ações realizadas por eles.

Palavras-chave: Cangayceiros; esporte; futebol; diversidade; documentário.

ABSTRACT

This report addresses the theoretical and technical means used to produce the audiovisual documentary “Cangayceiros: occupying spaces on the field”, in which we address the history of Cangayceiros Soccer Club, a semi-professional seven-a-side soccer team from Fortaleza formed by LGBTQIA+ people and which in 2023 competed for the first time in the Ceará Championship of the sport in the third division of the championship. The product mainly explores the origin of the team, highlighting the fight for space in an exclusionary environment for LGBTQIA+ people, and presents accounts of the team members, as well as the training sessions, games and actions carried out by them.

Keywords: Cangayceiros; sport; soccer; diversity; documentary.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Tabela 1 - Citações presentes no documentário.....	16
Tabela 2 - Planos e ângulos utilizados nas entrevistas.....	22
Figura 1 - Planos e ângulos utilizados nas entrevistas.....	22
Figura 2 - Planos e ângulos utilizados nas entrevistas.....	22
Figura 3 - Planos e ângulos utilizados nas entrevistas.....	22
Tabela 3 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	23
Figura 4 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	23
Figura 5 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	23
Figura 6 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	23
Figura 7 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	23
Figura 8 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	24
Figura 9 - Planos utilizados nas imagens de apoio.....	24
Tabela 4 - Principais entrevistados.....	24
Figura 10 - Principais entrevistados.....	24
Figura 11 - Principais entrevistados.....	24
Figura 12 - Principais entrevistados.....	24
Figura 13 - Principais entrevistados.....	25
Figura 14 - Principais entrevistados.....	25
Figura 15 - Principais entrevistados.....	25
Tabela 5 - Entrevistados secundários.....	25
Figura 16 - Entrevistados secundários.....	25
Figura 17 - Entrevistados secundários.....	25
Figura 18 - Entrevistados secundários.....	26
Figura 19 - Entrevistados secundários.....	26
Figura 20 - Entrevistados secundários.....	26
Figura 21 - Gravação de entrevistas.....	26
Figura 22 - Gravação de entrevistas.....	26
Figura 23 - Gravação de imagens de apoio.....	27
Figura 24 - Ilha de edição do documento.....	29
Tabela 6 - Tipografia.....	30
Figura 25 - Paleta predominante nas entrevistas e os respectivos hexadecimais.....	31
Figura 26 - Paleta predominante nas imagens de apoio e os respectivos hexadecimais.....	32

Figura 27 - Paleta de cores predominante na vinheta e os respectivos hexadecimais.....	32
Tabela 7 - Paleta de cores dos GCs.....	32
Figura 28 - Paleta de cores dos GCs.....	32
Figura 29 - Paleta de cores dos GCs.....	32
Figura 30 - Paleta de cores dos GCs.....	33
Figura 31 - Paleta de cores dos GCs.....	33
Figura 32 - Paleta de cores dos GCs.....	33
Tabela 8 - Vinheta.....	34
Figura 33 - Vinheta.....	34
Figura 34 - Vinheta.....	34
Figura 35 - Vinheta.....	34
Figura 36 - Vinheta.....	34
Figura 37 - Vinheta.....	35
Tabela 9 - Trilha sonora.....	35

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 Origem do futebol e chegada no Brasil.....	13
2.2 O futebol 7 no Brasil.....	14
2.3 LGBTfobia e representatividade no futebol.....	14
3 REFLEXÕES PRÁTICAS.....	19
3.1 Abordagem documental.....	19
3.2 Escolha do tema e execução do trabalho.....	20
3.3 Produção.....	21
3.4 Entrevistas e imagens de apoio.....	21
3.5 Aspectos técnicos.....	26
3.6 Roteirização.....	27
3.7 Edição.....	27
4 IDENTIDADE VISUAL.....	29
4.1 Tipografia.....	29
4.2 Paleta de cores.....	30
4.3 Vinheta.....	33
4.4 Trilha sonora.....	34
5 EXIBIÇÃO.....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
7 REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Relatório final de casos de LGBTfobia envolvendo agentes do Futebol Brasileiro em 2023 do Observatório da LGBTfobia no Futebol do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, ao menos 69 episódios de LGBTfobia no ambiente desportivo foram contabilizados ao longo do ano. Em 2022, ano anterior, foram 74 casos registrados.

Apesar da diminuição de 7% ao se comparar os dois anos, a notícia publicada no site do Coletivo referente ao documento citado reforça a urgência de reconhecer que ainda há muito o que ser feito para acabar com a discriminação e o preconceito nos espaços esportivos.

Em meio a isso, a equipe Cangayceiros Futebol Clube surgiu em 2019, a partir de ‘rachas’ voltados para a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais). O time nasceu com o objetivo de unir pessoas que, por conta de sua orientação sexual, se sentiam excluídas dos espaços dedicados à prática do esporte na capital cearense, já que esses costumam ser majoritariamente heteronormativos.

Ao longo dos anos, o time ganhou mais integrantes e passou a disputar competições amadoras, até participar ativamente do campeonato de futebol 7, esporte semelhante ao futebol de campo, mas jogado em um espaço menor e com menos jogadores, como será detalhado posteriormente. No ano de 2023, o Cangayceiros foi campeão invicto da etapa regional Nordeste da Champions Ligay, campeonato de futebol 7 LGBTQIA+. Fora das quatro linhas, a equipe realiza ainda ações sociais, como rachas solidários para arrecadar alimentos para pessoas em situação de vulnerabilidade.

A partir disso, o documentário “Cangayceiros: ocupando espaços em campo” propõe comemorar o aniversário de cinco anos da equipe, resgatando a história de como a paixão pelo futebol e a exclusão sentida pelos integrantes do time no meio esportivo os uniu. Objetiva-se ainda ressaltar a importância de debater o tema da representatividade no futebol e levar mais pessoas a encontrarem um espaço no qual se sintam à vontade para aproveitar os benefícios da prática esportiva.

Para isso, o trabalho audiovisual conta com entrevistas aprofundadas com figuras importantes para a história e manutenção do time, a fim de conhecer melhor a relação deles com o futebol e como chegaram ao Cangayceiros, além dos desafios encontrados ao longo desses cinco anos de jornada. Assim, é possível conhecer melhor a realidade da comunidade LGBTQIA+ dentro do esporte e promover identificação com quem ainda se sente impedido

de viver o futebol por ter uma orientação sexual que nem sempre é bem aceita em um ambiente majoritariamente heterossexual.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Origem do futebol e chegada no Brasil

O Brasil é amplamente conhecido como o país do futebol, um esporte cuja versão moderna se originou na Inglaterra e depois se espalhou por todo o mundo. Segundo Oliveira (2012), entre os séculos XVI e XIX o futebol era considerado apenas um passatempo, já que praticar esportes costumava ser algo exclusivo da nobreza e esta tinha preferência por arco e flecha e equitação, por exemplo. Em 1835, praticar futebol nas ruas foi coibido pelo parlamento inglês, mas isso não foi bem aceito pela população.

Todavia, a marginalização do futebol na Inglaterra acabou por volta de 1870, tendo em vista o momento em que os trabalhadores obtiveram o direito de folgar aos sábados e optaram por usar o tempo livre para a prática do novo esporte (Helal, 1997).

Considerado pai do futebol no Brasil, o paulista Charles Miller passou cerca de dez anos na Inglaterra, onde conheceu o futebol e tornou-se um atacante de destaque. Assim, ao retornar para o país de origem em 1894, ele trouxe um livro de regras do futebol, duas bolas, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras e duas camisas de times que defendera (Santos, 2013).

Inicialmente, tal esporte atraiu principalmente jovens membros da elite brasileira e teve sua primeira partida no ano seguinte ao retorno de Miller. Esse evento aconteceu em um terreno cedido por uma empresa de transporte da época e teve como participantes os funcionários da San Paulo Gas Company e da The São Paulo Railway Company. Seis anos depois, o Velódromo Paulistano foi finalmente adaptado e tornou-se o primeiro estádio de São Paulo.

No que se refere à atração que o esporte passava para a elite, Oliveira (2012, p. 3) afirma que, na época, exercer atividades físicas que valorizassem os ideais burgueses era fazer parte de um grupo selecionado, “pois somente a elite poderia dar-se ao luxo de dispor de tempo e recursos para praticar esportes nos clubes ou praças de esporte”.

Todavia, não demorou muito para que o futebol também contagiasse outras classes sociais e adquirisse identidade popular. Na cidade portuária de Santos-SP, por exemplo, times

locais se organizavam para enfrentar equipes formadas por tripulações de embarcações estrangeiras.

Apesar da forte desigualdade, o futebol se tornou uma das poucas oportunidades que uma pessoa preta e de baixa classe social encontraria para melhorar financeiramente no Brasil. Até que tal esporte fosse profissionalizado no país, muitas questões sociais e raciais – como a divergência no tratamento dentro de campo – precisaram ser enfrentadas.

2.2 O futebol 7 no Brasil

O futebol 7, ou futebol society, é uma adaptação do futebol de campo no qual o espaço é menor e a grama pode ser natural ou sintética. No Brasil, o esporte surgiu em 1950 em meio ao futebol adaptado praticado nos quintais dos casarões da Tijuca, no Rio de Janeiro. Já o nome ‘futebol society’ surgiu graças a Ruy Porto, que o utilizou como uma referência à expressão ‘café society’, um termo usado para descrever a alta sociedade que frequentava cafés e outros locais sofisticados (das Dores, 2013).

Segundo o livro nacional de regras atualizado da Confederação de Futebol 7 do Brasil (CF7BRASIL), nesse formato, o futebol é praticado em um campo menor, com comprimento entre 45 e 60 metros e largura entre 25 e 34 metros, e em partidas com até 10 minutos de intervalo e divididas em dois tempos de 25 minutos na categoria principal. No futebol de campo profissional, o espaço deve ter entre 90 e 120 metros de comprimento e entre 45 e 90 metros de largura, e cada partida divide-se em dois de 45 minutos cada com 15 minutos de intervalo.

A primeira edição do Mundial de Futebol 7 foi realizada em 2011 na Arena de Copacabana, localizada no Rio de Janeiro. Ao fim da partida, a Itália saiu vitoriosa com o placar de 3x2 em cima do Brasil (Cáceres, 2011).

2.3 LGBTfobia e representatividade no futebol

Apesar do constante crescimento como símbolo nacional, o futebol brasileiro segue sendo desigual e permeando preconceitos em torno de diferentes sexualidades e identidades de gênero. “Em um país marcado por uma herança de opressões e patriarcado, a LGBTfobia encontrou solo fértil para florescer no âmbito esportivo” (Torres; Medeiros, 2024, p. 2).

Com o surgimento de torcidas de futebol voltadas para o público LGBTQIA+, como a Coligay (torcida organizada do Grêmio que existiu entre os anos de 1977 e 1983), os ataques preconceituosos tornaram-se ainda mais evidentes (Pinto; Almeida, 2014). “Em meio a um

contexto de ditadura militar e forte autoritarismo, a Coligay desafiou o machismo e a homofobia característicos do campo futebolístico” (Pinto, 2018).

Com o passar dos anos, outras torcidas LGBTQIA+ foram surgindo, mas o preconceito seguiu enraizado. Segundo levantamento do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, apenas 32 dos 128 times participantes da Copa São Paulo de Futebol Júnior 2025 inscreveram jogadores com a camisa de número 24, popularmente associado ao veado pela representação no jogo do bicho. Para o Coletivo, ainda resistir à utilização de tal número é um ato preconceituoso e discriminatório.

A discriminação nesse âmbito também afeta a forma como diferentes sexos são tratados. “Ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades e as relações de poder conferidos a mulheres e homens” (Goellner, 2005, p.2).

No que se refere aos Jogos Olímpicos, por exemplo, o Brasil só registrou a participação de uma mulher em 1932, 36 anos após a criação do evento, com a jovem nadadora paulista Maria Lenk. Goellner (2005, p.4) expõe que:

Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir desta Olimpíada, a participação de Maria Lenk é um marco importante a ser registrado porque proporcionou a divulgação da imagem da atleta de competição num tempo em que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas num grau competitivo. Identificada como de natureza frágil, nesse momento, circulavam vários discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher.

Com o passar do tempo e o espalhamento dos ideais feministas, desenvolve-se, em uma sociedade tomada pelos ideais de superioridade masculina, uma maior atenção para a presença da mulher no esporte, em contrapartida a características tidas como essencialmente femininas.

Dentro do contexto futebolístico, há registros de partidas disputadas por mulheres ainda nos anos 1920. Todavia, o futebol feminino na época não era visto como uma partida de verdade, mas sim como um show ou performance.

Assim, o futebol feminino passou a ser proibido em 1941, quando nasceu o Conselho Nacional de Desportos (CND) para regularizar o esporte no Brasil. Em resumo, o decreto-lei 3199, art. 54 trazia que as mulheres não deveriam praticar esportes inadequados para a natureza delas. Após isso, a modalidade só foi regulamentada em 1983, quando se tornou permitido participar de competições, criar calendários, utilizar estádios e ser ensinado nas escolas (Kestelman; Barlem, 2019).

Dentro dos cargos de liderança, o futebol também segue sendo predominantemente dominado e protagonizado por homens, apesar do esforço feminino para romper barreiras e se inserir em posições de liderança. Embora a representatividade de mulheres como treinadoras e auxiliares seja limitada até no futebol feminino, aquelas que conseguem alcançar tais posições fazem isso por meio de investimentos em qualificação e tendo um bom desempenho como atletas e/ou profissionais de Educação Física (Novais, 2018).

As seguintes citações sobre as disparidades entre diferentes sexos, gêneros e orientações sexuais estão incluídas no documentário:

Tabela 1. Citações presentes no documentário

Citação	Fonte
18/05/2019 Data de fundação (do Cangayceiros)	Lucas Bertullino, presidente do Cangayceiros, em entrevista para o documentário
Na Copinha 2025, apenas 32 de 128 times utilizaram o número 24 É a menor estatística desde o início do levantamento, em 2022	Levantamento analisa o uso da camisa 24 e episódios de homofobia na Copinha 2025 – Canarinhos LGBTQ
Somente 56 de 124 clubes das primeiras quatro divisões do Brasil publicaram uma nota celebrando os dias 17 de maio ou 28 de junho no ano de 2023 Dos representantes do estado do Ceará, apenas três clubes celebraram ambas as datas: Ceará, Ferroviário e Fortaleza	Anuario_2024.pdf
Apenas 1% dos jogadores das Séries A e B do Brasileirão 2023 se declarou anonimamente homossexual ou bissexual	Pesquisa revela percentual de atletas que se declaram homossexuais - ESPN
Em 2010, Jamerson Michel da Costa “Messi” – ex-goleiro do Palmeira de Goianinha (RN) – foi um dos poucos jogadores de um time profissional no Brasil a se assumir homossexual ainda em atividade	SciELO Brasil - O armário da sexualidade no mundo esportivo O armário da sexualidade no mundo esportivo
Um dos casos mais famosos é o do ex-meia Richarlyson - com passagem pelo Fortaleza	Richarlyson assume bissexualidade e notícia repercute na mídia estrangeira Famosos

e também pela Seleção brasileira - que declarou ser bissexual só depois da aposentadoria	gshow
Moisés Spilere foi o primeiro presidente assumidamente gay de um time profissional do Brasil Ele assumiu a presidência do Caravaggio FC (SC), em 2023	https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/13838299/vida-presidente-gay-clube-futebol-brasil
Já Emerson Ferretti foi o primeiro presidente gay de um clube das séries A à D do Campeonato Brasileiro Ele assumiu o Bahia em 2024 e possui mandato até 2026	https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/12/03/ex-fla-quem-e-o-1-presidente-assumidamente-gay-de-times-das-series-a-a-d.htm
Há poucos registros de uma mulher trans jogar futebol profissional no Brasil A pioneira foi a goleira Sheilla Souza no Desportivo Lusaca (BA) em 2020	Espancamento e muito mais: conheça a batalha de Sheilla Souza, primeira jogadora transexual de futebol feminino no Brasil - ESPN
A trans Nicole Rose estreou no Campeonato Mineiro de 2023 pelo Nacional de Visconde do Rio Branco	Quem é Nicole Rose, primeira mulher trans a jogar um campeonato profissional em MG? zona da mata centro-oeste ge
O Brasil, pelos últimos 15 anos, é o país que mais mata pessoas trans no mundo	Trans Murder Monitoring - TvT
O Ceará foi o terceiro estado com mais mortes de pessoas trans em 2024	dossie-antra-2025.pdf
Casos de LGBTfobia são banalizados no futebol brasileiro por meio de cânticos de torcidas A maioria dos casos não são relatados pela arbitragem e, por isso, há poucas punições	Caso da torcida do Corinthians é apenas um exemplo de como a discriminação lgbtfóbica se mantém no futebol https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/stjd-arquiva-denuncia-de-homofobia-contra-presidente-torcida-e-jogadores-do-ceara-1.3182975
Somente o Corinthians foi punido com perda do mando de campo, além de multa	Corinthians segue sendo o único clube a levar punição pesada em caso de homofobia; veja novos casos
Nenhum clube chegou a ser excluído ou perdeu pontos por LGBTfobia no Brasil	O North Esporte Clube chegou a ser condenado em primeira instância no TJD-MG por perda de três pontos por

	<p>LGBTfobia, em 2022, na Segunda Divisão do Campeonato Mineiro.</p> <p>A perda de pontos tiraria a equipe das fases finais do campeonato. No entanto, checamos posteriormente que a decisão foi revertida no Pleno (segunda instância) e o clube não só disputou as fases finais como também foi campeão.</p> <p>https://observatorioracialfutebol.com.br/minas-gerais-tribunal-esportivo-tira-pontos-de-clube-por-homofobia/</p> <p>https://www.owtempo.com.br/sports/futebol/tribunal-esportivo-tira-pontos-de-clube-por-homofobia-em-minas-gerais-1.2742784</p>
Diferente do que já aconteceu em casos de injúria racial, que está enquadrado no mesmo artigo do CBJD (243-G)	<p>https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/09/gremio-e-eliminado-da-copa-do-brasil-por-racismo-em-jogo-contra-o-santos.html</p> <p>O Brusque (SC) chegou a perder pontos na Série B do Brasileirão de 2021 por um caso de injúria racial contra um atleta do Londrina (PR), mas teve a pontuação devolvida posteriormente após recurso</p> <p>https://ge.globo.com/sc/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/stjd-julga-recurso-do-brusque-por-caso-de-racismo-e-determina-devolucao-de-tres-pontos-na-serie-b.ghtml</p> <p>https://www.gov.br/mds/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/cne/arquivos/codigo_brasil_eiroJustica_desportiva.pdf</p>
Uma mulher nunca comandou um time masculino da série A do Brasileirão	<p>Técnica alemã é primeira mulher a assumir um time profissional masculino de futebol – Notícias R7</p>
Em 2000, Claudia Malheiro se tornou a primeira mulher a treinar um time profissional quando assumiu o Andirá (AC)	<p>Dia da Mulher: primeira treinadora de time masculino relembra experiência globoesporte.com</p>
Já Nilmara Alves foi a primeira a ter o registro de técnica na CBF em um time profissional masculino, em 2018	<p>Nilmara, a técnica que desafia o monopólio dos homens Esportes EL PAÍS Brasil</p>

Ela foi técnica do Manthiqueira (SP) entre 2012 e 2018 e retornou em 2020	
No primeiro semestre de 2024, 6 dos 20 clubes da Série A não tinham um departamento de psicologia	Seis dos 20 clubes da Série A não têm departamento de psicologia; veja levantamento futebol ge
Em 2024, a Seleção Brasileira voltou a ter um psicólogo depois de 10 anos	Por saúde mental, Seleção volta a ter psicóloga na comissão técnica após dez anos seleção brasileira ge
No futebol cearense, o psicólogo mexicano Christian Rodríguez foi caso de sucesso recente Em 2022, ele foi contratado pelo Fortaleza, que estava na zona de rebaixamento do Campeonato Brasileiro Após a chegada dele, o Fortaleza embalou no campeonato e conseguiu acesso à Libertadores	Do tabu à liberdade: saúde mental ganha espaço e relevância no futebol Futebol e saúde mental OPOVO+ https://www.opovo.com.br/esportes/futebol/times/fortaleza/2022/08/09/como-fortaleza-usa-trabalho-de-psicologo-mexicano-para-buscar-reacao-na-serie-a.html
O artigo 243-G do CBJD prevê punições para atos LGBTfóbicos no esporte Jogadores e comissão técnica podem sofrer penas como suspensão Enquanto o clube envolvido pode levar multa e – em casos graves ou reincidentes – pode perder pontos ou até mesmo ser excluído do campeonato	tjd_cod.pdf

3 REFLEXÕES PRÁTICAS

3.1 Abordagem documental

Para a realização deste trabalho de conclusão, foi escolhido o formato de documentário audiovisual, tanto por interesse pessoal dos formandos quanto por acreditarem que utilizar tal formato seria a melhor forma de o produto chegar a mais pessoas. Para Zandonade e Fagundes (2003), a forma como o jornalista atua nos documentários que realiza adquire caráter autoral, aumentando a possibilidade de que os telespectadores compreendam o assunto retratado.

De acordo com Nichols (2005), o documentário é mutável e não segue um conjunto fixo de técnicas, questões, formas e estilos. Assim, os realizadores da obra “Cangayceiros: ocupando espaços em campo” encontrou nesse tipo de produto uma liberdade maior para construir o que almejavam.

Além disso, “um documentário não é unidireccional, ou seja, é necessário que o documentarista esteja, constantemente, aberto para receber informações, que advêm dos intervenientes” (Penafria, 2001, p.7). Portanto, o documentarista não é apenas um meio de transmissão da realidade, mas sim alguém que intervém na realidade e estabelece uma relação de proximidade com o objeto estudado.

3.2 Escolha do tema e execução do trabalho

Antes de firmar parceria e fazer o documentário audiovisual “Cangayceiros: ocupando espaços em campo”, ambos os integrantes da dupla tinham outros projetos em mente.

Hellen Queiroz já pretendia fazer um produto que juntasse futebol e causas sociais, provavelmente algo relacionado à presença feminina em tal esporte, mas ainda não havia fechado totalmente a ideia. Enquanto isso, Pedro Mairton já tinha em mente a ideia de trabalhar com o Cangayceiros, por já ter realizado outros trabalhos com a equipe antes, mas, por não ter certeza de que conseguiria fazer isso individualmente, estava considerando outros assuntos ligados ao esporte.

Ambos os formandos tinham a grande vontade de finalizar o curso com um produto audiovisual, por nutrirem interesse por essa área há anos, mas sentiam que não estavam aptos a executar isso sozinhos. Todavia, em uma conversa descontraída sobre o que fariam como Trabalho de Conclusão de Curso, as ideias dos dois se encaixaram e o trabalho começou a ganhar forma.

A partir disso, a professora Kamila Bossato foi escolhida para orientar o projeto, tendo em vista sua ligação com a área do audiovisual. Após se reunir com ela, a dupla estabeleceu o que precisava ser feito, pesquisou sobre o assunto para obter embasamento teórico e partiu para o processo de gravação.

Como um dos formandos já havia trabalhado com a equipe esportiva, o contato para a realização do documentário foi tranquilo, de forma que o processo foi facilitado. Além disso, os membros do time foram solícitos ao atenderem os pedidos de entrevista e não se incomodaram em aparecer nas gravações.

O grande empecilho ocorreu quando a dupla percebeu que não conseguiria gravar as entrevistas longas no local onde os treinos e jogos eram realizados, já que o barulho dos

jogadores em campo deixaria o som do documentário com baixa qualidade. Assim, os alunos optaram por gravar em estúdio para preservar a qualidade do documentário.

Inicialmente, a ideia era gravar no estúdio do curso de Jornalismo, porém ele estava impróprio para uso na época por conta de desabamento de parte do teto do local. Após muitas conversas e pensamentos sobre o que poderia ser feito, foi sugerida a possibilidade de gravar em algum estúdio localizado no campus do Pici, o que levou a dupla ao estúdio de audiovisual do curso de Sistemas e Mídias Digitais.

Assim, as reservas do espaço foram realizadas por meio do envio de e-mails para o curso citado, a fim de formalizar o pedido. Duas das entrevistas foram realizadas em outros locais por conta da incompatibilidade entre os horários disponíveis do espaço e os das fontes.

3.3 Produção

Por ser realizado em dupla, as tarefas necessárias para a execução do documentário foram compartilhadas ou divididas entre ambos os membros, de acordo com as habilidades necessárias. A seguir, os responsáveis por cada uma das etapas:

- Pesquisa do tema - Ambos
- Marcação de entrevistas - Ambos
- Entrevistas - Ambos
- Captação de imagem e som - Ambos
- Roteirização - Ambos
- Animações e grafismos - Pedro Mairton
- Edição - Pedro Mairton

3.4 Entrevistas e imagens de apoio

As entrevistas principais foram realizadas entre os dias 13 de agosto de 2024 e 22 de setembro de 2024. Para essa etapa, foram escolhidos seis membros do Cangayceiros de diferentes áreas, os quais foram todos entrevistados pessoalmente.

O primeiro plano, o meio primeiro plano e o plano fechado foram utilizados nas entrevistas, com os devidos ajustes na edição. Nas imagens de apoio, diversos planos foram utilizados, desde o plano aberto ao fechado, e a gravação respeitou a regra dos terços para enquadrar os elementos de composição, como jogadores e comissão técnica, traves, bolas e outros.

O ângulo utilizado nas entrevistas principais foi o 3/4, filmado a 45 graus em relação à fonte. Já nas entrevistas secundárias foi utilizado o plano frontal. Especificamente na entrevista com a psicóloga Tássia Ramos, a câmera do celular filmou em ângulo contra-plongée a 45 graus, enquanto a câmera mirrorless manteve-se no ângulo 3/4, pelo fato de ser a personagem que mais embasa os argumentos científicamente e, portanto, com autoridade.

Tabela 2 e figuras 1, 2 e 3. Planos e ângulos utilizados nas entrevistas

Plano ou ângulo	Entrevista
Plano fechado	
Primeiro plano	
Contra-plongée	

Tabela 3 e figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9. Planos utilizados nas imagens de apoio

Plano	Imagen de apoio
Plano aberto	
Primeiro plano	
Plano fechado	
Plano americano	

Primeiríssimo plano	
Meio primeiro plano	

Abaixo, uma breve descrição e o nome de cada entrevistado, acompanhados do dia e local onde a conversa foi realizada e de uma imagem do momento. Em especial na entrevista com Tássia Ramos, contamos com o apoio de Maria Clara Lopes dos Santos na gravação.

Tabela 4 e figuras 10, 11, 12, 13, 14 e 15. Principais entrevistados

Nome	Quem são	Dia e local	Imagen
Giselly Rodrigues	<ul style="list-style-type: none"> • Zagueira e uma das capitãs do time • Transgênero 	13/8/24 - Estúdio de Audiovisual do curso de Sistemas e Mídias Digitais	
Lucas Bertullino	<ul style="list-style-type: none"> • Co-fundador, presidente e meio-campista do time • Bissexual 	13/8/24 - Estúdio de Audiovisual do curso de Sistemas e Mídias Digitais	
Caio Felipe Vieira	<ul style="list-style-type: none"> • Goleiro do time • Gay 	16/8/24 - Estúdio de Audiovisual do curso de Sistemas e Mídias Digitais	

Johnnathan Lima	<ul style="list-style-type: none"> Vice-presidente, atacante e auxiliar técnico do time Gay 	16/8/24 - Estúdio de Audiovisual do curso de Sistemas e Mídias Digitais	
Tássia Ramos	<ul style="list-style-type: none"> Psicóloga e auxiliar técnica do time, especializada em psicologia do esporte Lésbica 	23/8/24 - Consultório pessoal da psicóloga, no shopping Del Paseo	
Katiane Venâncio	<ul style="list-style-type: none"> Treinadora do time Lésbica 	22/9/24 - Academy Italiana de Futebol (International Sporting Center)	

Quando as entrevistas foram realizadas, muitos encontros entre a dupla e o time já haviam acontecido nos treinos e jogos, o que facilitou o ato de pedir o contato dos personagens para marcar a conversa. As fontes foram selecionadas tendo em vista a diversidade sexual e a importância da função de cada um dentro do time. Além dos supracitados, também foram utilizados trechos de entrevistas rápidas - com o intuito de conteúdo de bastidores - com Tiali Barros, Josiel Nascimento, Ítalo Nascimento, Darlan Benício e Renata Gois, esta última sendo representante da Outra Casa Coletiva, associação que acolhe pessoas da comunidade LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social.

Tabela 5 e figuras 16, 17, 18, 19 e 20. Entrevistados secundários

Nome	Quem são	Imagem
Tiali Barros	<ul style="list-style-type: none"> Atleta dos Cangayceiros 	
Josiel Nascimento	<ul style="list-style-type: none"> Atleta dos Cangayceiros 	

Ítalo Nascimento	<ul style="list-style-type: none"> • Atleta dos Cangayceiros 	
Darlan Benício	<ul style="list-style-type: none"> • Atleta dos Cangayceiros 	
Renata Gois	<ul style="list-style-type: none"> • Co-fundadora da associação Outra Casa Coletiva 	

Figuras 21 e 22. Gravação de entrevistas



Já as imagens referentes aos treinos e jogos amistosos ou oficiais da equipe, além das outras entrevistas citadas, foram realizadas no período de 19 de janeiro de 2024 a 19 de outubro de 2024. Além disso, foram reaproveitadas gravações em um celular de Pedro Mairton do ano de 2022 de um ‘racha’ dos Cangayceiros na Arena Champions para outro trabalho universitário, na disciplina de Jornalismo Multimídia e Jornalismo Audiovisual.

Figura 23. Gravação de imagens de apoio



3.5 Aspectos técnicos

Para as gravações, foram escolhidos os seguintes equipamentos: celular Samsung Galaxy A54, câmera M50 Mark II com as lentes Canon EF-S 50mm, EF 24mm e EF 75-300mm, microfone Rode Videomicro e microfone lapela Rode SmartLav+, tripé para a câmera e tripé para o celular.

Em todas as entrevistas foram utilizados simultaneamente dois aparelhos de gravação, para que as imagens fossem capturadas tanto em plano médio quanto em plano fechado. Após as gravações, o conteúdo foi armazenado no Dropbox.

Toda a edição e pós-edição foi realizada por meio dos aplicativos da Adobe Creative Cloud, pacote assinado pelo editor Pedro Mairton, entre eles o Premiere para a montagem do documentário e correção de áudio, com um pequeno auxílio do Audition, além do Illustrator para desenhos e o After Effects para animar a vinheta.

3.6 Roteirização

O processo de roteirização deste documentário não seguiu o padrão, com tabelas detalhadas sobre cada parte a ser inserida e decupagens completas. Após conversas entre a dupla, foi decidido que o roteiro seria feito em tópicos e utilizado para organizar e orientar o processo de edição, mas não seria tido como inalterável. De forma geral, a equipe definiu previamente que a montagem seguiria a seguinte ordem:

- Breve introdução
- História do time e introdução dos entrevistados seguindo uma ordem tanto lógica quanto cronológica
- Ação benéfica com doações e jogo amistoso

- Treinos
- Jogos oficiais
- Considerações finais
- Créditos

3.7 Edição

O processo de edição teve início logo após a última visita ao time e foi realizado no software Adobe Premiere Pro, tanto a decupagem quanto a montagem do documentário. Softwares complementares foram utilizados no processo, também da Adobe: After Effects, Audition, Illustrator e Photoshop.

A escolha dos softwares se deu pela assinatura da Adobe Creative Cloud por parte do editor, que tem familiaridade com os aplicativos, uma vez que trabalha diretamente com eles no dia a dia.

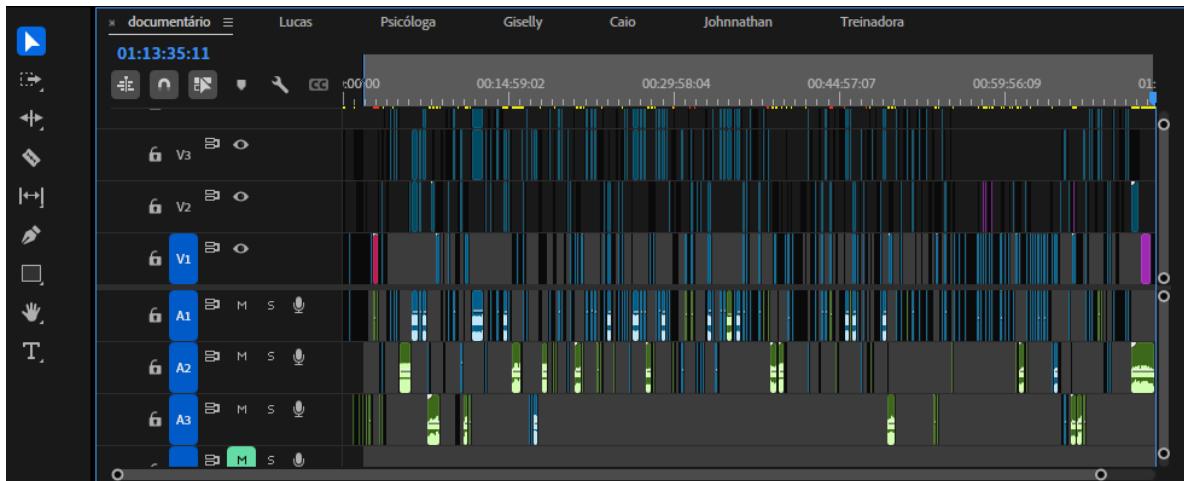
O documentário foi editado em 23,97 frames por segundo por escolha do editor, que quis dar um aspecto mais cinematográfico ao produto, mesma justificativa para os cortes secos entre enquadramentos e transições com imagens de apoio. A resolução escolhida foi 1920x1080 (HD), a mesma utilizada nas gravações das câmeras, que suportam até 3840x2140 (4K).

Por esse mesmo motivo, todas as gravações da câmera mirrorless foram realizadas na velocidade 1/50, já que o recomendado por profissionais da área é gravar sempre o dobro - ou próximo - do que se planeja editar. Logo, para preservar a velocidade do obturador, o ISO e a abertura das lentes foram sacrificadas em gravações externas noturnas, mas mantidos na melhor qualidade durante as entrevistas com a luz ambiente (no caso da treinadora Katiane Venâncio) e do estúdio (no caso dos jogadores e também da psicóloga Tássia Ramos, no escritório pessoal dela).

No Premiere, além das seis entrevistas, também foram inseridas as mais de 1.650 imagens de apoio, somando as gravações da câmera mirrorless e do celular. O peso dos arquivos foi superior a 500 GB, que além de armazenados no Dropbox também foram salvas no SSD interno do PC em que foi editado, que tem a placa gráfica uma 4060 TI da Nvidia, além do processador Ryzen 3600 que facilitou a edição, exportação e upload do produto.

No final da edição, o documentário teve uma hora, 13 minutos e 35 segundos (1h13m35s) de duração. A exportação preservou a qualidade original de cada imagem e durou em torno de dez minutos.

Figura 24. Ilha de edição do documentário



4 IDENTIDADE VISUAL

4.1 Tipografia

Foi predominantemente utilizada a tipografia Nitti Typewriter e variações da família. A fonte está disponível na assinatura da Adobe Creative Cloud, que permite o uso e comercialização. Ela foi inserida em citações ao longo do documentário como complemento de informações, além dos créditos finais.

A tipografia Reross, também disponível na Adobe Fonts, foi a escolhida para a vinheta. Assim como a Nitti Typewriter, a escolha se deu pelo aspecto rústico, inspirado em fontes utilizadas em literatura cordel, que comumente retrata o cangaço e o Nordeste do Brasil, inspirações para o batismo do clube.

Por fim, a Bebas Neue Pro, que tem família disponibilizada na Adobe Fonts, foi a tipografia escolhida para a apresentação dos entrevistados. A escolha se deu por conta da legibilidade.

Já nas legendas, a Myriad Pro - uma das tipografias padrões para o recurso no Adobe Premiere - foi a escolhida pela praticidade, já que se trata de uma questão maior de acessibilidade do que estética.

Tabela 6. Tipografia

Nome da fonte	Família da fonte
Nitti Typewriter	<p>Nitti Typewriter Cameo Nitti Typewriter Corrected Nitti Typewriter Normal Nitti Typewriter Open</p> <p>CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo</p> <p>CANGAYCEIROS# Cinco Anos# Ocupando#Espaços em#Campo</p> <p>CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo</p> <p>CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo</p> <p>     </p> <p>Nitti Typewriter Underlined</p> <p><u>CANGAYCEIROS:</u> <u>Cinco Anos</u> <u>Ocupando Espaços</u> <u>em Campo</u></p>
Reross	<p>Reross Quadratic Reross Rectangular</p> <p>CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços Em Campo</p> <p>CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços Em Campo</p>
Bebas Neue Pro	<p>Bebas Neue Pro Thin Bebas Neue Pro Thin Italic Bebas Neue Pro Light Bebas Neue Pro Light Italic</p> <p>LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros</p> <p>     </p> <p>Bebas Neue Pro Book Bebas Neue Pro Book Italic Bebas Neue Pro Regular Bebas Neue Pro Italic</p> <p>LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros LUCAS BERTULLINO: Co-fundador, presidente e meio-campista dos Cangayceiros</p>

Myriad Pro	Myriad Pro Light CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo	Myriad Pro Light Italic CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo	Myriad Pro Regular CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo	Myriad Pro Italic CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo
	Myriad Pro Semibold CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo	Myriad Pro Semibold Italic CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo	Myriad Pro Bold CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo	Myriad Pro Bold Italic CANGAYCEIROS: Cinco Anos Ocupando Espaços em Campo

4.2 Paleta de cores

A paleta de cores é predominante verde em função do local de quatro das seis entrevistas, no estúdio de audiovisual do curso Sistemas e Mídias Digitais, e também do local de treinamento e jogos por causa do gramado. O vermelho e o preto também marcam presença por causa do uniforme principal do time.

Já na vinheta, o marrom e o bege são predominantes por causa do cenário e da representação gráfica de um jogador do time, que também utiliza elementos de cangaceiro.

Além disso, na apresentação de cada personagem, o GC é personalizado de acordo com as cores que representam a orientação sexual do entrevistado. Naqueles em que a orientação sexual não foi informada, um GC com as cores da bandeira LGBTQIA+ foi utilizado.

Figura 25. Paleta predominante nas entrevistas e os respectivos hexadecimais

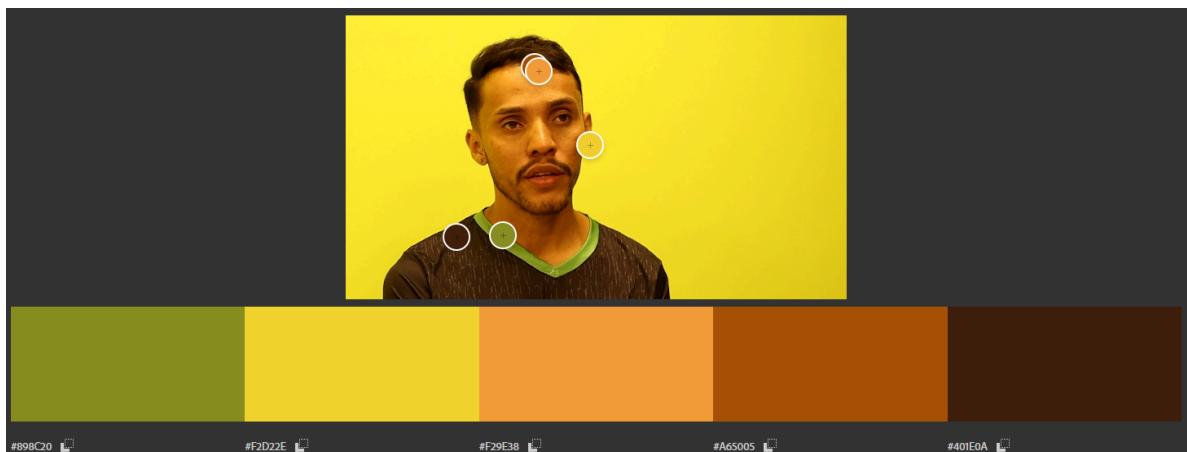


Figura 26. Paleta predominante nas imagens de apoio e os respectivos hexadecimais

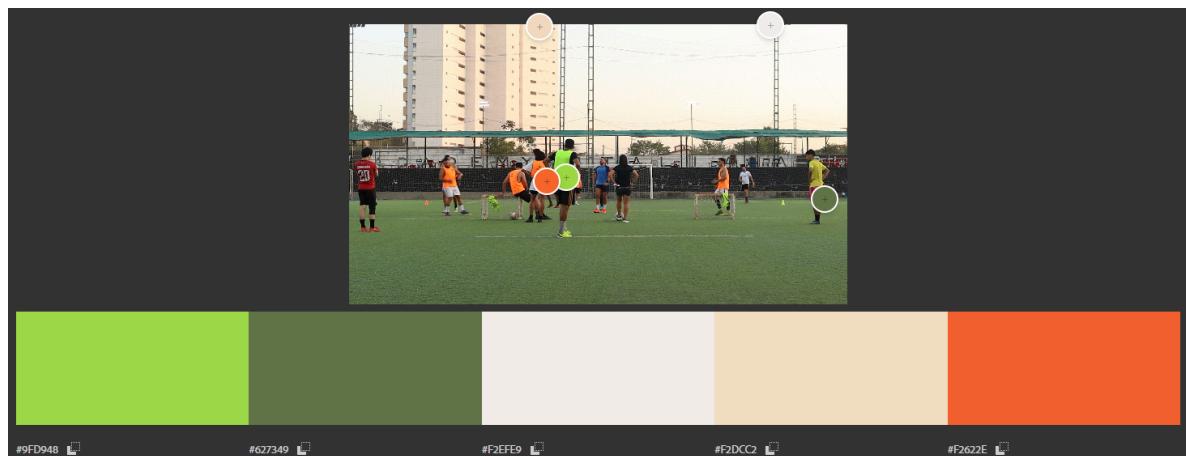


Figura 27. Paleta de cores predominante na vinheta e os respectivos hexadecimais

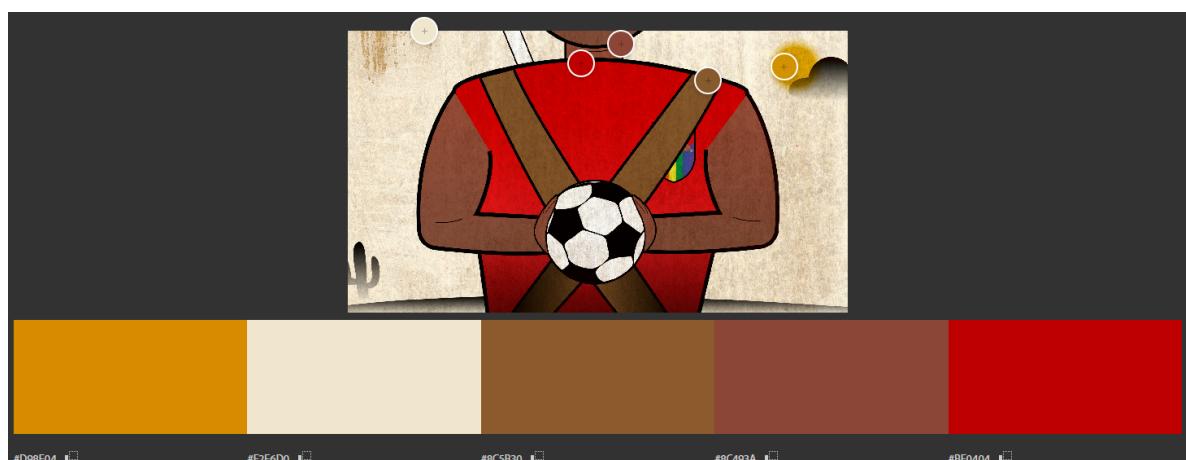


Tabela 7 e figuras 28, 29, 30, 31 e 32. Paleta de cores dos GCs

Orientação sexual	GCs
Gay	<p>The logo for Jonathan Lima, featuring his name in a stylized font with a rainbow flag icon. Below it is the text "VICE-PRESIDENTE, ATACANTE E AUXILIAR TÉCNICO DOS CANGACEIROS".</p> <p>Below the logo is a horizontal bar divided into five equal segments, with their corresponding hexidecimal codes:</p> <ul style="list-style-type: none"> #361A73 #6F6DA6 #088C67 #277357 #A0D9C4
Bissexual	<p>The logo for Lucas Bertullino, featuring his name in a stylized font with a rainbow flag icon. Below it is the text "CO-FUNDADOR, PRESIDENTE E MEIO-CAMPISTA DOS CANGACEIROS".</p> <p>Below the logo is a horizontal bar divided into five equal segments, with their corresponding hexidecimal codes:</p> <ul style="list-style-type: none"> #A62963 #D90479 #A458A6 #1237A6 #034AA6

Lésbica	
Transgênero	
Não informado	

4.3 Vinheta

A vinheta foi produzida pelo editor Pedro Mairton, que a desenhou no Illustrator e a animou no After Effects. A animação surgiu para reforçar a ideia do subtítulo do documentário: “Ocupando Espaços em Campo”.

Logo, foram desenhadas quatro cenas que representavam uma caminhada de um cangaceiro futebolista LGBTQIA+, vestido com o uniforme principal dos Cangaceiros e com chapéu e alças de cangaceiro, em busca do próprio espaço no esporte, marcado pela heteronormatividade e em que sofre discriminação pela orientação sexual diferente da maioria. A bandeirinha de escanteio com as cores do arco-íris também foi usada como um símbolo de marcação territorial, que no caso foi o campo de um estádio de futebol. O cenário ambiente foi uma representação do sertão nordestino, região predominante dos movimentos cangaceiros.

A animação foi feita em 23,97 frames por segundo, a mesma da edição do restante do documentário. Além disso, cada elemento da composição da cena foi animada em quatro frames por segundo por preferência do animador para reforçar o aspecto rústico, deixando de lado uma animação mais fluida. Apesar da inspiração em gravuras de literatura cordel, os desenhos do cenário em maioria foram desenhados com preenchimentos em degradê por questão de estética, já que o preenchimento com cores sólidas não agradaram.

Tabela 8 e figuras 33, 34, 35, 36 e 37. Vinheta

Cena e contexto	Imagen
Cena 1 da vinheta exibindo as pernas do personagem com meião e chuteira e o cenário com casas simples	
Cena 2 da vinheta exibindo um jogador cangaceiro LGBTQIA+ com uma bandeira presa nas alças do uniforme, caminhando pelo sertão rumo ao estádio de futebol	
Cena 3 da vinheta exibindo o personagem segurando uma bola de futebol e bordado na camisa o escudo do time Cangayceiros	
Cena 4 da vinheta exibindo o personagem marcando com a bandeirinha de escanteio arco-íris o círculo central do campo de futebol	

Cena 5 é última da vinheta exibindo o escudo do time Cangayceiros e o título do documentário com o fundo em bege e marrom para não fugir da paleta de cores do restante da animação	
---	--

4.4 Trilha sonora

As trilhas sonoras utilizadas no documentário não são originais. Elas foram adquiridas com a assinatura na plataforma Artlist, indicada por profissionais de audiovisual e que disponibiliza músicas sem royalties.

A maioria das músicas escolhidas foi funk, rap e hip-hop, algumas delas combinando os ritmos. O editor tem apreço pelos estilos musicais, que também passam uma mensagem de um grupo feliz e animado, inspirado em vídeos de bastidores de clubes tradicionais do futebol brasileiro.

Já as trilhas sonoras utilizadas nas citações foram reproduzidas em um piano ou teclado, instrumentos de gosto pessoal do editor, e a maioria melancólicas, já que as mensagens retratavam em sua maioria um problema a respeito de cada tema.

Na vinheta, uma trilha sonora com uma letra e um ritmo que faz alusão às características climáticas do Nordeste foi escolhida para combinar com a animação.

Cada corte do documentário respeitou a trilha sonora, que ditou o ritmo da edição e foi uma das principais responsáveis pela duração, já que também serviu como alívio em meio à sequência de falas dos entrevistados.

Tabela 9. Trilha sonora

Música	Artista
Do Brazil	Cobuz Bustta
Vem do Saara	Joca Perpignan
Senta e Descansa	Donner Tie
Joga Bola	Donner Tie
Last Days of Summer	Mats Raynard

Mighty	Shekel Beats
Just Candy	Just for Kicks
Benji Stacks	ZISO
Off the Favela	ZISO
Gostosinho	Donner Tie
Day Dreaming	Diamonds and Ice
Bet on Myself	Frank Bentley
My Rose	Asi Mandel
Baile la Favella	David Feldman
Shani	Nocturne Samurai
Food	Shekel Beats
Sauce Castillo	Phil David
Cool It Down	Jimmy Curtis
Figments	Birraj
Prayer	Roy Dahan
Jungle	Cobuz Bustta
Sleepwalker	Roie Shpigler
September Story	Romeo
We Found Each Other	Birraj
As Long As in the Heart	Yehezkel Raz

5 EXIBIÇÃO

Após a finalização e apresentação do trabalho de conclusão de curso “Cangayceiros: ocupando espaços em campo” para a banca avaliadora, almeja-se levar o produto final para o público por meio de participação em eventos e, posteriormente, disponibilização no canal do curso de Jornalismo da UFC no YouTube.

A dupla pretende inscrever a obra na Expocom Nordeste 2025, que será realizada em Fortaleza-CE, em junho deste ano. Além disso, objetiva-se a inscrição em festivais cearenses

de cinema como o Cine Ceará e o For Rainbow - Festival de Cinema e Cultura da Diversidade Sexual e de Gênero.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório aborda o processo de idealização e construção do documentário audiovisual “Cangayceiros: ocupando espaços em campo”, realizado por Hellen Queiroz e Pedro Mairton e apresentado como trabalho de conclusão do Curso de Jornalismo.

O produto buscou, inicialmente, contar a história do time cearense de Futebol 7 Cangayceiros, que completou 5 anos de fundação em 2024. Para isso, foram realizadas pesquisas, leituras e diversas entrevistas e gravações de imagem com o time, a fim de conhecer a fundo uma equipe que defende pautas tão importantes e que merece ser cada vez mais reconhecida. Além disso, tal história foi contada entrelaçando-se com fatos e dados que, infelizmente, fazem parte do cotidiano de pessoas LGBTQIA+ e evidenciam a luta enfrentada pelo time para ocupar espaços dentro e fora de campo.

Por fim, trabalhar durante mais de um ano para que este documentário fosse finalizado foi apenas uma das possíveis formas de abordar a presença do público LGBTQIA+ em um ambiente tão heteronormativo quanto o futebol. Entendemos que esse é um assunto repleto de ramificações, mas esperamos que o trabalho ajude a expor as dificuldades enfrentadas pelas minorias sociais e torne o conhecimento sobre o assunto cada vez mais acessível e divulgado.

7 REFERÊNCIAS

Anuário do Observatório da LGBTfobia no futebol do Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+: Dados 2023. Disponível em:

https://canarinhoslgbtq.com.br/wp-content/uploads/2024/12/Anuario_2024.pdf. Acesso em:
24 de fevereiro de 2025.

CÁCERES, Nicolas. Itália conquista o primeiro Mundial de Futebol 7 em Copacabana, derrotando o Brasil em uma final emocionante. Futebol 7 Brasil, 11 de dezembro de 2011. Disponível em:

<https://www.futebol7brasil.com.br/noticia/3840/italia-conquista-o-primeiro-mundial-de-futeb>

[ol-7-em-copacabana-derrotando-o-brasil-em-uma-final-emocionante](#) . Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

DAS DORES, Anderson de Jesus. O FUTEBOL SOCIETY COMO OPÇÃO DE LAZER: um estudo a partir de um grupo de “peladeiros” da cidade de Gouveia, Minas Gerais. 2013.

DE JESUS TORRES, Daniel; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. LGBTfobia e futebol: uma revisão narrativa de produções científicas brasileiras. Praxia-Revista on-line de Educação Física da UEG, v. 6, p. e2024015-e2024015, 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a Prática, v. 8, n.1, p. 85-100, 2005.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Campinas: Vozes, 1997.

KESTELMAN, Amanda; BARLEM, Cintia. A História do Futebol Feminino no Brasil. Globo Esporte, 2019. Disponível em:

<https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino> . Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

Livro Nacional de Regras. Edição 2025. Confederação de Futebol 7 do Brasil. Disponível em: <https://cf7brasil.com.br/arquivo/regra/1736814957-e5e97b73-e123-4d6d-b689-e95a40823f5b.pdf> . Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papirus editora, 2005.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges. “À beira do gramado ou fora do jogo?”: as treinadoras do futebol de mulheres no Brasil. 2018. Dissertação. (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

OLIVEIRA, Alex Fernandes. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. 2012.

PENAFRIA, Manuela. O ponto de vista no filme documentário. Universidade da Beira Interior, 2001.

PINTO, Maurício Rodrigues; ALMEIDA, Marco Bettine de. As torcidas queer em campo: a emergência de grupos que questionam a homofobia e o machismo no futebol. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 105 – 116, 2014.

PINTO, Maurício Rodrigues. A história da Coligay, torcida que desafiou o machismo no futebol. Nexo Jornal, 02 de junho de 2018. Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/externo/2018/06/02/a-historia-da-coligay-torcida-que-desafiou-o-machismo-no-futebol> . Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

RUDÁ, Onã; SENA, Tainá. Levantamento analisa o uso da camisa 24 e episódios de homofobia na Copinha 2025. Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, 7 de fevereiro de 2025. Disponível em:

<https://canarinhoslgbtq.com.br/levantamento-do-coletivo-de-torcidas-canarinhos-lgbtq-analisa-o-uso-da-camisa-24-na-copinha-2025/> . Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

SANTOS, Felipe. Charles Miller. Museu do Futebol, 08 de novembro de 2013. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/480271/> . Acesso em: 24 de fevereiro de 2025.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. Assis-SP, Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, 2003.